

DISSERTATION ABSTRACT

AGREEMENTS AND DISGREEMENTS IN THE CLINICAL EDUCATION IN NURSING: A QUALITATIVE APPROACH FOCUSED ON THE CLINICAL ORIENTATION OF NURSES IN THE CONTEXT OF PARTNERSHIPS

ENCONTROS E DESENCONTROS NO ENSINO CLÍNICO EM ENFERMAGEM: UMA ABORDAGEM QUALITATIVA CENTRADA NA ORIENTAÇÃO CLÍNICA DOS ENFERMEIROS NUM CONTEXTO DE **PARCERIAS**

ENCUENTROS E DESENCUENTROS EN LA ENSENANZA CLÍNICA DE ENFERMERÍA: UNA ABORDAJE CUALITATIVA CENTRADA EN LA ORIENTACIÓN CLÍNICA DE LOS ENFERMEROS EN UN CONTEXTO DE **ASOCIACIONES PARCERAS**

Maria Rosa dos Santos Pereira Silvestre. Orientanda. Professora Assistente da Escola Superior de Enfermagem de Santarém. investigadora e doutoranda no Programa Doutoral em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: rosa_silvestre@fct.unl.pt

António Teodoro. Orientador. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Email: a.teodoro@netvisao.pt

Área do Conhecimento: Ensino Clínico em Enfermagem – Área da Supervisão Clínica.

Período: 2000-2004 Situação: Concluída

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o progresso da ciência, bem como as mudanças sócioeconômicas contribuíram para uma valorização crescente da enfermagem em Portugal, tanto a nível de competências técnicas e/ou científicas, como a nível de competências profissionais, sociais e éticas.

A prioridade educativa, que foi considerada um elemento-chave para a modernização sócio-econômica e educativa portuguesa¹, surgiu como resposta ao desafio da integração do nosso país na Comunidade Européia, tendo levado à denominada reforma educativa dos anos 80, englobando a reforma do ensino, em geral e, consequentemente, a reforma do ensino de enfermagem.

O esforço dos enfermeiros, na luta pelo reconhecimento da sua carreira profissional, assim como a integração do ensino de enfermagem no Sistema Educativo Nacional, permitiram redefinir as diretrizes do ensino de enfermagem. Através desta última etapa, atribuiu-se ao profissional de enfermagem portador do Curso Superior de Enfermagem, inicialmente, o grau de Bacharelato e, posteriormente, o grau de Licenciatura. Neste atualmente 0 ensino contexto, enfermagem faz parte integrante de alguns

Institutos Superiores Politécnicos ou mesmo de Universidades, como é o caso da Escola Superior de Enfermagem de Aveiro, que encontra atualmente se integrada Universidade de Aveiro, embora como departamento do ensino superior politécnico.

Agreements and disgreements in the clinical education...

Temos consciência de que o ensino de enfermagem deve funcionar como impulsionador de mudanças, tanto nas Escolas ou Departamentos de Enfermagem como nos hospitais ou noutras organizações de saúde, nas denominadas práticas clínicas. Nestas circunstâncias, é fundamental conciliar o ensino com a prática clínica, com o objetivo de colmatar a dicotomia até hoje existente entre a teoria, ministrada nas escolas, e a prática, adquirida habitualmente em contexto hospitalar ou comunitário (centros de saúde, lares de idosos, ...).

ensino clínico enfermagem, em reconhecido pela sigla ECE, constitui a componente mais importante da estrutura curricular dos Cursos de Enfermagem. Tratase de um processo dinâmico que deveria visar, cada vez mais, um maior empenhamento e desempenho das partes nele envolvidas: o professor de enfermagem, o enfermeiro da prática clínica, o aluno e o doente ou utente, este último, fulcro de todo o enfermagético.²

Enquanto grupo sócioprofissional, os enfermeiros têm-se debatido com variadíssimos problemas, alguns deles já antigos: carência de recursos humanos, essencialmente enfermeiros e auxiliares de ação médica, ausência de articulação entre instituições de saúde e escolas e ausência de articulação entre as próprias instituições de saúde.

Alguns autores, entre eles Honoré³, analisa esta situação referindo que a sobrelotação, o mal-estar entre profissionais, a deficiente comunicação entre diversas categorias, o isolamento entre os diferentes serviços, o desinteresse demonstrado por questões médico-sociais são, entre outros, alguns dos graves problemas vividos nas instituições de saúde e que acabam por transparecer para o exterior.

Não menosprezando as múltiplas "funções" ou "tarefas" que os enfermeiros desempenham nas diversas instituições de saúde, no período de tempo em que decorre o ECE, todos os atores empenhados nas práticas clínicas detectam com consternação que, na maioria das instituições de saúde, os professores de enfermagem e os enfermeiros têm mantido um distanciamento progressivo que se repercute até aos nossos dias.

ENQUADRAMENTO

A partir da problemática da orientação de alunos no ECE, alguns professores enfermagem realizaram pesquisas contextos hospitalares diferenciados, com o obiectivo primordial ou secundário identificar formas de melhorar orientação, entre os quais, Pereira⁴, Raposo⁵, Franco⁶ e Abreu⁷. Constataram que, em alguns desses contextos, não se estabeleceram protocolos de articulação com as Escolas e que, nos casos em que se estabeleceram, os intervenientes sócioformativos não punham em prática, por variadíssimos motivos, as normas previamente estabelecidas por ambos para o ECE.

Outros enfermeiros também verificaram que a colaboração existente entre os intervenientes no ECE não era a mais desejável, existindo até algum grau de incompreensão entre eles Marques⁸.

Diante de tudo isto, confrontando a reflexão que temos vindo a realizar acerca das mudanças em nível do ensino em enfermagem fomos construindo algumas questões pertinentes:

Será que, enquanto decorre o ECE, nos locais de estágio, onde estiverem implementadas parcerias Escolas Superiores de Enfermagem/Instituições de Saúde, ainda se assiste a um distanciamento entre professores e enfermeiros?

Quais as mudanças operadas neste novo contexto formativo, no sentido de se verificar uma (re) aproximação entre ambos enquanto orientadores clínicos?

Num contexto de parcerias, os enfermeiros orientadores (professores e enfermeiros) desempenharão os papéis que lhes estão inicialmente atribuídos?

Perante esta nova estratégia formativa, qual a articulação de saberes (saberes teóricos/saberes práticos) que se realiza enquanto decorre o ensino clínico em enfermagem?

Através deste trabalho pretendemos dar resposta à seguinte questão de investigação:

Que mudanças provocou a implementação das parcerias nas práticas clínicas e em que medida contribuíram para uma (re)aproximação entre professores e enfermeiros enquanto orientadores clínicos?

Contextualizando a problemática da orientação dos alunos nas práticas clínicas, sintetizamos as seguintes questões orientadoras da investigação a realizar, em pertinência com o objectivo:

Qual a articulação dos saberes (saberes teóricos/práticos) que é efectuada pelos enfermeiros orientadores (professores e enfermeiros) num contexto de parcerias, enquanto decorre o ensino clínico em enfermagem?

Qual o papel desempenhado pelos professores e enfermeiros, enquanto orientadores clínicos, num contexto de parcerias?

Que mudanças têm vindo a ser introduzidas nas práticas clínicas em enfermagem com a implementação das parcerias?

Que (des)vantagens encontram os enfermeiros orientadores face à implementação das parcerias, a nível da formação inicial no ensino clínico em enfermagem?

É de realçar que este estudo teve a finalidade de contribuir para a resolução desta problemática, tentando alertar para necessidade da sedimentação de estratégias sócioformativas no ensino clínico enfermagem, válidas e coerentes (tomando como exemplo as parcerias) que permitam uma (re)aproximação entre professores e enfermeiros que desempenham o papel de enfermeiros orientadores, que não ponham em causa os cuidados de saúde prestados aos utentes.

ISSN: 1981-8963 DOI: 10.5205/01012007

Silvestre MRSP, Teodoro A.

pretendemos, determinada identidade cultural, constatamos Neste contexto, como analisar que nos encontrávamos perante um estudo se a etnográfico. **Escolas** de parcerias **Descritores**: Enfermagem; Ensino clínico;

objectivo deste trabalho: implementação Superiores de Enfermagem/ Instituições de (hospitais е centros de contribuiu para mudanças, a nível das práticas clínicas, na formação inicial, professores e enfermeiros - orientadores no ensino clínico em enfermagem impliquem uma (re)aproximação entre ambos.

Contextos; Parcerias; Mudanças. Descriptor: Nursing: Clinical education;

Agreements and disgreements in the clinical education...

Partnerships; Reforms.

Descriptores: Enfermería; Educación clínica; Asociaciones parceras; las reformas.

MÉTODO

Partindo de uma amostra de nove enfermeiros orientadores (três professores e seis enfermeiros), os quais foram entrevistados numa determinada área geográfica (região da Grande Lisboa), em contextos diferentes: escola de enfermagem (três professores), hospital (três enfermeiros) de saúde (três enfermeiros), representantes institucionais das parcerias (os parceiros), através dos seus agentes sócioformativos, como instrumentos colheita de dados, houve a necessidade também de se aplicarem a observação participante e a análise de documentos.

Pela natureza da presente pesquisa, optamos por utilizar a abordagem qualitativa, porque segundo Minayo^{9:22} "a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das acções e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas".

Uma vez que o nosso estudo – um estudo de caso múltiplo, porque englobava três unidades empíricas de contexto (Escola, Hospital e Centro de Saúde) - centralizava-se especificamente num fenómeno, optando pela sua compreensão e pelo conhecimento do seu contexto, ao analisar de forma indutiva e significativa os seus dados¹⁰, tendo em conta que o nosso objeto de estudo (parcerias) era formado pelos participantes socio-formativos que integram essas parcerias, com uma

RESULTADOS

Através de análise de conteúdo realizada, com o objetivo da obtenção de significações, de valor profundo dos documentos analisados após análise das nove entrevistas transcritas tivemos a preocupação de abordar importância e relevância dos temas (unidades temáticas) e respectivas categorias emergentes questões colocadas aos orientadores clínicos, numa linha de aproximação ao material empírico como podemos observar, mais adiante, no Quadro 1.

A investigadora fez uma interpretação dos dados recolhidos, trabalho do qual resultaram quatro temas emergentes (unidades temáticas):

- Relação teoria/prática;
- Gestão do processo de orientação de alunos no ensino clínico;
- Funções/papéis dos enfermeiros orientadores na orientação de alunos em ensino clínico;
- Mudanças operadas após a implementação das parcerias.

A estas unidades temáticas corresponderam as categorias assinaladas do lado direito do quadro, que se interligam por assim dizer com as opiniões dos participantes (entrevistados).

Agreements and disgreements in the clinical education...

Silvestre MRSP, Teodoro A.

UNIDADES TEMÁTICAS	CATEGORIAS			
Relação teoria/prática	 Articulação de saberes (teóricos/práticos); Desarticulação de saberes (teóricos/práticos). 			
Gestão do processo de orientação de alunos no ensino clínico	 Gestão preconizada pelos professores; Gestão preconizada pelos enfermeiros; Gestão preconizada por ambos (gestão partilhada). 			
Funcões/Papéis dos enfermeiros orientadores na orientação de alunos em ensino clínico	 Funções/Papel desempenhados pelos professores enquanto orientadores clínicos; Funções/Papel desempenhados pelos enfermeiros enquanto orientadores clínicos. 			
Mudanças operadas após a implementação das parcerias	 Mudanças organizacionais; Mudanças gestionárias; Mudanças relacionais; Mudanças formativas; Mudanças culturais; Mudanças pessoais. 			

Figura 1. Relação entre unidades temáticas e categorias emergentes das questões colocadas aos orientadores clínicos (enfermeiros e professores)

Observaram-se que se assistiram a algumas após a implementação parcerias, que ambos parceiros referiram serem as possíveis e não as desejáveis. A percepção dos parceiros de que existiram factores que contribuíram para a inibição das mudanças (desejáveis), sentido no existência de mudanças possíveis, constituiu uma peça fundamental para a construção de futuras parcerias no ensino clínico em enfermagem.

ORGANIZACIONAIS	INSTITUCIONAIS	CURRICULARES	PESSOAIS	CULTURAIS
 Redefinição das tarefas que têm que ser executadas por cada parceiro num contexto de parceria; 	• Falhas na comunicação escola-instituições de saúde;	• Sobrecarga de trabalho face às horas que têm que disponibilizar;	motivação	•Ausência de uma resposta contínua face à cultura de partilha que se desejou implementar
 Dificuldade em gerir uma parceria que seja do agrado de ambas as partes. 	• Ausência de total disponibilidade das instituições de saúde face aos alunos.	Ausência de disponibilidade por ambos os parceiros.		

Figura 2. Fatores de inibição das mudanças desejáveis na implementação das parcerias.

Nesta linha de idéias, foi extremamente constatar importante que 83,4% enfermeiros orientadores entrevistados acreditam existir uma relação teoria/prática baseada na articulação de saberes, enquanto 16,6% referiram a existência de uma relação teoria/prática desajustada, baseada desarticulação da saberes, por ausência de atualização de conhecimentos. Constatamos que 64,4% dos enfermeiros orientadores entrevistados acreditam que a gestão do processo de orientação de alunos se faz baseada na gestão partilhada, enquanto 33,3% argumenta que essa gestão é ainda efetuada por professores, como acontecia tradicionalmente.

As mudanças possíveis que nos foram reveladas tiveram como ponto de partida a existência do projeto de parcerias que os parceiros se propuseram implementar. Essas

mudanças fizeram-se a vários níveis: a nível das organizações participativas (contextos do hospital, centro de saúde e escola), a nível das relações humanas, a nível da formação (tanto escolar como institucional), a nível cultural (escola, hospital, centro de saúde) e, essencialmente, a nível pessoal.

As experiências e vivências resultantes da nossa viagem pelos caminhos da pesquisa qualitativa conduziram-nos a uma reflexão acerca das novas metodologias de orientação de discentes em ensino clínico, nas quais se englobam as parcerias, que somente foi possível a partir da publicação do Decreto-Lei n.° 166/92, de 5 de Agosto. 11

Este Decreto-Lei pôs, em alguns casos, em causa a continuação das antigas metodologias de orientação de alunos em ensino clínico, nomeadamente ao dar ênfase ao tempo de contacto entre professores alunos,

Agreements and disgreements in the clinical education...

permitindo a possibilidade da aplicação de uma formação baseada no *princípio da alternância*, numa estreita articulação entre o mundo do trabalho e a escola.¹²

Neste âmbito. parceiros sócioformadores, nos quais se incluem os enfermeiros e os professores, têm tentado ultrapassar problemas que estão relacionados com a dicotomia entre o que se ensina e o que se pratica, com os perfis dos próprios orientadores e com o tipo de orientação que se vem fazendo. Na óptica dos enfermeiros orientadores a colaboração mútua imprescindível e irreversível, beneficiando e contribuindo para o desenvolvimento do aluno, do profissional e da profissão.

CONCLUSÕES

Apesar de várias tentativas de mudança, a influência do modelo biomédico continua a refletir-se nos dias de hoje e, em alguns casos, quer em contextos hospitalares como comunitários, agudiza-se devido à implementação de medidas economicistas, o que faz com que alguns dos entrevistados se preocupem com o futuro das parcerias no ensino clínico de enfermagem.

Os participantes deste estudo fizeram o reconhecimento das suas vivências e das mudanças significativas, originadas pela implementação de parcerias a nível do ensino clínico em enfermagem. Tais mudanças, como nos foi possível constatar, proporcionaram uma maior aproximação entre enfermeiros e professores, essencialmente enquanto decorria o ensino clínico dos alunos.

Sugerimos que no currículo escolar dos Cursos Superiores de Enfermagem se abordem, prioritariamente, metodologias sócioformativas direcionadas para uma gestão mais partilhada que permitam a incorporação das mesmas na aprendizagem do futuro enfermeiro, para que ele possa ser o agente da mudança nos contextos de trabalho.

Nessa perspectiva, a educação dο enfermeiro tem que pautar-se por uma educação orientada para a cidadania, cidadania essa que se quer, cada vez mais, participativa e consciente. Questionamo-nos se a atual formação em enfermagem tem vindo a proporcionar esse tipo de educação todas as escolas superiores enfermagem, incluindo as escolas privadas, de modo a que os alunos possam vir a ser agentes de mudança nos futuros contextos laborais, sabendo que a formação é, sem dúvida, um primordial na construção consciencialização da identidade profissional.

Às instituições de saúde cabe-lhes o papel de motivar os seus profissionais para os projetos de parcerias implementados, possibilitando-lhes ou facilitando-lhes a formação adequada nesse sentido (formação permanente), com o objetivo de defender o ensino de enfermagem como parte integrante da sociedade da aprendizagem, enquanto dirigido permanentemente para uma profissão que comunga os valores do humanismo.

O estágio clínico dos alunos tem que ocorrer num ambiente propício à aprendizagem e esse ambiente somente é possível se os enfermeiros orientadores comungarem dos mesmos objetivos e projetos.

A globalização se, por um lado, tem tornado instável a sociedade com a aplicação de leis inapropriadas e impopulares, por outro, tem desafiado os enfermeiros a se emanciparem das visões técnicas e de base comportamentalista que os têm dominado até aqui.¹³

Reforçando tudo aquilo que até aqui foi referido, somos da opinião que se torna, cada vez mais, prioritário investir na educação/aprendizagem de saberes estrategicamente concebidos, direccionados para a mudança dos futuros enfermeiros e profissionais, face à globalização, tendo em atenção:

- A orientação formativa que se deve dirigir para a transformação social;
- A análise e a compreensão de tradições culturais dos enfermeiros, que não se têm direcionado muito para uma *cultura de participação*. 14
- A necessidade de trabalhar para um consenso comum em termos de educação para a saúde:
- O uso do pensamento dialético e reflexivo pelos enfermeiros orientadores;
- A necessidade de centralizar os cuidados de enfermagem no utente, informando-o dos seus direitos e deveres, contribuindo assim para o sucesso da qualidade dos cuidados de saúde da comunidade.¹³

REFERÊNCIAS

- **1.** Teodoro A. A carreira docente. Lisboa: Texto Editora; 1994.
- 2. Nunes JPB. Desafios para o futuro no ensino da enfermagem em Portugal. Servir. 1999; 48(3): p.116-18.
- **3.** Honoré B. A saúde em projecto. Loures: Lusociência; 2002.
- **4.** Pereira A. Análise das necessidades e modelos de formação contínua dos docentes

de enfermagem. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Porto. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar; 1996.

- 5. Raposo L. A interacção no cuidar em enfermagem um estudo com alunos em aprendizagem clínica. Dissertação de Mestrado. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto; 1996.
- **6.** Franco J. O papel do docente e do enfermeiro no ensino clínico de enfermagem. Nursing. 2000; 144: 32-36. (edição portuguesa).
- **7.** Abreu WC. Identidade, formação e trabalho. Das culturas locais às estratégias identitárias dos enfermeiros. Coimbra: Educa e Formasau; 2001.
- 8. Marques MFM. Entre a continuidade e a inovação. O ensino superior de enfermagem e as práticas pedagógicas dos professores de enfermagem. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências da Educação. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; 2002.
- 9. Minayo MCS. Teoria, método e criatividade.6ª ed. São Paulo: Vozes; 1996.
- **10.** Bogdan R, Biklen S. Investigação qualitativa em educação. uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora; 1994.
- 11. Portugal. Ministério da Saúde. Decreto-Lei n.º 166/92. Aplica ao pessoal docente das escolas superiores de enfermagem o disposto no Estatuto da Carreira do Pessoal Docente do Ensino Superior Politécnico. Diário da República, I Série (179) 5 de Agosto de 1992. p.3676.
- **12.** Ramos M. A perceptoria como estratégia de formação em estágio de enfermagem pediátrica. Lisboa: UI&DE/Pensar Enfermagem. 2003: 1(7).
- **13.** Costa MAM. A enfermagem e a globalização. A educação para a incerteza. Coimbra: Revista Sinais Vitais. Nov. 2003; 51:11-4.
- **14.** Barroso J. Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola. Cadernos de Gestão de Organização e Gestão curricular. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional; 1998.

Sources of funding: No Conflict of interest: No

Date of first submission: 2008/02/20

Last received: 2008/03/12 Accepted: 2008/03/14 Publishing: 2008/04/01

Address for correspondence

Maria Rosa dos Santos Pereira Silvestre Escola Superior de Enfermagem de Santarém Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa Avenida 25 de Abril, nº 53 Pinhal de Frades — Seixal, Portugal (PT). 2840-286